

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Literacia e Poder: Portugal, o Estado-Labirinto e a Economia da Obediência

Publicado em 2026-01-13 19:56:15



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- **O poder económico em Portugal** está muitas vezes encostado ao Estado: concessões, concursos, licenças, fundos, nomeações.
- **Opacidade + impunidade** são o adubo da captura partidária.
- **Fiscalidade percebida como injusta** destrói o contrato social: quem paga sente-se o único a pagar.
- **Sem literacia do poder**, a democracia vira espectáculo; com literacia, volta a ser ferramenta.

Literacia e Poder: Portugal, o Estado- Labirinto e a Economia da Obediência

Em Portugal, o poder raramente se apresenta como poder. Apresenta-se como “processo”, “parecer”, “competência”, “norma”. E é nessa linguagem de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há uma confusão antiga — e muito conveniente — entre **instrução** e **literacia**. A instrução dá-nos certificados; a literacia dá-nos instrumentos. A instrução ensina a responder; a literacia ensina a perguntar. E a pergunta que mais assusta o poder é simples como um fósforo no escuro: **“Quem ganha com isto?”**

1) O diploma como cortina e a cidadania como deserto

O país colecciona licenciaturas, mestrados e doutoramentos — e, no entanto, tropeça numa verdade amarga: muitos cidadãos continuam sem ferramentas para ler a realidade política e económica. Sabem “opinar”, papaguear, mas não sabem **auditar**. Sabem “torcer”, mas não sabem **medir**. E um povo que não mede é um povo que pode ser governado por narrativas.

A cidadania exige coisas pouco glamorosas: ler um orçamento, perceber incentivos, reconhecer conflitos de interesse, distinguir “benefício público” de “renda privada”, e fazer a pergunta proibida: **“Isto serve o país ou serve uma rede?”**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

regras, fiscaliza, pune o abuso e protege a concorrência. Em Portugal, demasiadas vezes, o Estado transforma-se em **porta** — e as portas criam porteiros. E onde há porteiro, nasce a tentação do favor; onde há favor, nasce a captura.

O labirinto não é só burocracia: é **poder difuso**. Ninguém decide sozinho; logo, ninguém responde. A responsabilidade dissolve-se em pareceres, despachos, subdelegações, e numa liturgia de assinaturas que parece racional mas frequentemente serve para esconder a origem da decisão.

3) Poder económico e proximidade ao

Estado: a economia da licença

Quando o poder económico se alimenta da proximidade ao Estado — concessões, contratos recorrentes, ajustes repetidos, consultorias que substituem competência, fundos que premia “os de sempre” — a economia deixa de ser criação e passa a ser **negociação de acesso**.

O empreendedorismo digno (o que arrisca, inova, compete e cria riqueza real) fica asfixiado por duas forças: o peso do labirinto e a suspeita de que, sem padrinho, o mérito

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

contrato social se rasga

A percepção — muitas vezes sustentada pela experiência cotidiana — de que “pagam sempre os mesmos” é dinamite social. Não porque os impostos sejam, por si, um mal absoluto, mas porque a injustiça fiscal é a mensagem silenciosa de um regime: **“Tu és previsível; tu és cobrável; tu és o fundo da caixa.”**

Quando o cidadão sente que o esforço é punido e a esperteza é recompensada, nasce a pior forma de pobreza: a pobreza de confiança. E sem confiança, a democracia não tem sangue — tem apenas papel.

5) A mediocridade como estratégia de governação

A mediocridade não é apenas um retrato moral; é, muitas vezes, um **modelo funcional**. Um cidadão cansado, confuso e descrente é mais fácil de conduzir. Se não acredita que pode mudar, aceita. Se aceita, não exige. Se não exige, o sistema perpetua-se.

E assim se fecha o círculo: a opacidade protege a impunidade; a impunidade alimenta a corrupção; a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

6) O antídoto: literacia do poder em sete perguntas

Não precisamos de um país de génios. Precisamos de um país de cidadãos com método. Sete perguntas que qualquer pessoa pode usar — como uma lanterna numa caverna:

1. **O que prometeram** e o que **cumpriram** (com datas e factos)?
2. **Quanto custou** e quem **pagou** (impostos, dívida, cortes)?
3. **Quem ganha** com a medida (sectores, grupos, empresas)?
4. **Quem perde** (classe média, serviços públicos, jovens)?
5. Há **dados independentes** a mostrar resultados?
6. Que **conflitos de interesse** existem (porta giratória, nomeações, contratos)?
7. Se eu fosse oposição, o que atacava **com factos** (e não com slogans)?

Se milhões de pessoas fizerem isto, a política deixa de ser futebol e volta a ser contabilidade moral: **responsabilidade, consequência, evidência.**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

iluminado. Depende de uma coisa mais difícil: **uma cidadania que não adormece**. A máfia partidária — seja ela explícita ou disfarçada de “normalidade” — teme duas coisas: **transparência e persistência**.

Quando o povo aprende a ler o poder, o poder deixa de ser bruxedo. E um Estado-labirinto, quando iluminado, torna-se apenas aquilo que sempre foi: um conjunto de portas — e portas podem abrir-se, desde que o povo decida empurrar.

Referências e pistas de verificação

Para quem quiser confirmar números, tendências e comparações (sem se afogar em propaganda), aqui ficam fontes públicas e reputadas:

- **PORDATA** — indicadores sociais e económicos em Portugal.
- **INE** — estatística oficial (rendimento, emprego, contas nacionais, etc.).
- **Eurostat** — comparações europeias (fiscalidade, rendimento, serviços).

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

economia.

O drama português não é falta de inteligência. É falta de **ferramentas colectivas**. E ferramentas, quando passam de mão em mão, mudam países. Primeiro mudam a conversa. Depois mudam o voto. E um dia — se insistirmos — mudam o próprio Estado.

Um povo que não lê e não pensa nunca poderá sonhar em viver em democracia.

Francisco Gonçalves

Crónica para *Fragmentos do Caos* — com co-autoria conceptual de **Augustus Veritas**.



Ler o Artigo: A Ilusão da Escolha: Democracia, Ignorância e o Efeito Dunning-Kruger

[leia]



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)